



TÁXI

**ORGULHO E
PRECONCEITO**

Alexandre Coslei

TÁXI
ORGULHO & PRECONCEITO

Por Alexandre Coslei

Editora: Coslei.com

2016



PREFÁCIO

O ÓDIO E O PERDÃO

A SEMÂNTICA DA CARONA REMUNERADA

SOBRE OS TÁXIS E A CASA GRANDE

TÁXIS: A LUTA EM SÃO PAULO

ECOS DO UNIVERSO PARALELO

POR QUE O TÁXI É LEGAL?

O EFEITO ZOLA

TOCHA OLÍMPICA

TÁXI VAZIO



PREFÁCIO

(Por Teixeira Montalvão, Professor e Doutor em História)

Uma luta que acumula muitos meses. Diante da indignação, diante da injustiça e do preconceito, o fôlego se renova. Argumentos, enfrentamentos e violência. Prevalece os cantos de guerra quando o Estado é omissor. Não culpem quem se arma para sobreviver ao predador. Na manipulação da mídia, os valores se invertem. Quem conquista uma licença pública, respeita as leis, se oferece a vitorias, paga taxas e impostos exigidos, esses são rotulados como “máfia”; já uma empresa estrangeira, que penetra nas cidades desprezando e afrontando o poder público, esses são exaltados como a épica tecnologia inevitável. Tecnologia que subverte a ordem e empobrece as mentes.

Este breve livreto (que, certamente, será ampliado com o passar do tempo) guarda o diário de um jornalista e escritor que encontrou seus melhores amigos num campo de batalha onde a espada se ergueu contra a covardia,

contra as falácias de um futuro que quer fazer da tecnologia um Deus inquestionável, uma entidade que despreza as pessoas e as regras que regem a boa prática civilizatória. A escrita de Coslei é o contrapeso que reforça e ajuda a unir um exército acuado, mas imbatível em sua verdade. Poucas vezes testemunhei uma campanha difamatória feita com tamanha intensidade pela mídia monopolista e oligárquica, massacraram sem pudor uma classe de trabalhadores para servir ao dinheiro que vem de fora. Numa comunidade, existem os que trabalham com a mais nobre dedicação e aqueles que são ineptos, a generalização não pode se basear nos piores exemplos. O ódio e o preconceito marcharam implacáveis, mas o orgulho e a paixão provam que nem sempre as mentiras do capital conseguem superar as maiores virtudes humanas.

O ÓDIO E O PERDÃO

Desde o ano passado, venho acompanhando o drama que assola os dias e noites dos taxistas. Muitos passaram a viver sob estresse e pressão emocional ao abrirem os jornais, ouvirem o rádio ou ligarem a TV. Na verdade, a inquietação veio pela concorrência desleal e predatória do Uber, mas a angústia dos motoristas é consequência do ódio irracional que passou a ser dirigido contra eles através de colunas, publicações na imprensa e comentários públicos. Quem observa o linchamento sem trégua, imagina que a humanidade encontrou a encarnação do demônio na Terra. Quem promove a onda de humilhação e preconceito não faz distinção entre bons e maus, quer impor o extermínio de toda a classe, a substituição do que já existe por uma mazela tecnológica que não demonstrou realmente o que pretende, mas pela indiferença com que trata as leis não deveria inspirar nenhuma confiança na sociedade. Já li frases do tipo “taxistas que morram de fome”, “bandidos”, “máfia”, “trogloditas”, “sujos”, etc. Nenhum dos detratores leva em conta os abnegados profissionais que também integram a categoria; não

pensam que entre eles existem pais de família, viúvas, muitas pessoas honestas e solidárias. Não, não consideram nada disso. Por que considerariam? Os fundamentos do ódio não exigem racionalidade. Quem difama e afronta os taxistas não quer ter nenhuma boa história para contar. Quando conhecem alguma boa história, não a divulgam. Preferem expor as experiências ruins, reais ou não.

A lista exposta das situações negativas desses passageiros em fúria é repetitiva, o que causa imediata desconfiança sobre a veracidade. É como se desfiassem de propósito um roteiro de histórias ruins, apimentadas pelo componente histriônico que potencializa a maldade. São sempre as mesmas narrativas com poucas variantes, falam sobre taxistas que escutam rádio evangélicas, taxistas que não quiseram levar aqui ou acolá, taxistas de carro sujo, taxistas de carro velho. Muitas vezes parece que todos pegam o mesmo táxi, dirigido pelo mesmo taxista. Por isso, é óbvio que a campanha se baseia em motes mentirosos, que ganham exageros para contaminar a opinião pública e favorecer ao concorrente desconhecido. Usam casos e noticiários seletivos, que mostram só um lado.

No entanto, quando conversamos com pessoas sensatas, que não compartilham das extravagâncias e da discriminação claramente manifestada pelos furibundos, passamos a descobrir as boas histórias, nos é revelada a existência de profissionais dedicados, pessoas que fazem do trabalho árduo no trânsito uma experiência positiva de interação social. A sinceridade de quem escolhe contar sobre os bons taxistas emociona e prova como a injúria generalizada é medíocre.

Leio, diariamente, no mural de pessoas que se divulgam por uma suposta inteligência, todos os tipos de discursos de execração, reclamam do desconto que taxistas possuem para trocar sua ferramenta de trabalho, reclamam do perfume que usam, reclamam da forma como falam, reclamam por puxarem conversa, rebaixam a pessoa e não só o profissional. Um horror.

Fosse por qualquer falha em seu sistema de trabalho, eu jamais me omitiria diante da campanha amoral que fazem contra indivíduos que enfrentam a aridez, os perigos e as armadilhas do asfalto imprevisível. Quem os ataca os táxis, não propõe diálogo, não busca entendimento ou sugestões que corrijam falhas evidentes. Quem denigre os

amarelinhos não aceita que o serviço se restrinja a uma relação comercial, reivindicam um servilismo descarado. Querem apenas se vingar e nem sabem de quê. É um discurso de revanche, que só fere os melhores taxistas, gera mágoa, pois quem age por desvio de caráter não pode ter o status de representar a classe. Falar da exceção como sendo a regra é uma injustiça abissal.

Há meses venho resistindo a esse ódio condenável, mas é difícil combater o ódio quando ele ultrapassa o simplismo das polarizações políticas. O ódio contra gente, o ódio contra classe, é muito mais avassalador e danoso do que o ódio político.

Hoje, devido a criminosa e beligerante onda que criaram contra os táxis, cada novo passageiro transportado pode ser um feroz inimigo à espreita no banco de trás, um algoz camuflado. Neste dia do jornalista, reafirmo que estou com vocês, na mesma dor, na mesma batalha diária, na mesma frustração, tristeza e ressentimento. Apesar do clichê, só duas forças são capazes de combater criaturas irracionais: a inteligência e o perdão.

A SEMÂNTICA DA CARONA REMUNERADA

No início, considerei a opção do Haddad a mais correta, quando regulamentou os aplicativos que permitem a veículos particulares trafegarem como táxis. A prefeitura de SP havia definido que os aplicativos de transporte individual público deveriam ser cadastrados e precisariam pagar impostos, incluindo o ISS. No entanto, bastou regulamentar para que a dita empresa de “motorista particular”, se rebelasse, afirmando que não funciona como um serviço de táxi, insistindo que oferecem apenas uma ponte para “carona remunerada”.

O argumento do aplicativo, que possui um poderoso aporte financeiro oferecido por grandes corporações internacionais, parece ter feito estremecer as convicções do Prefeito de São Paulo, que recuou e agora revisa o seu próprio decreto na intenção de formular outra legislação que atenda exclusivamente às expectativas daqueles que desejam impor o aplicativo de “carona paga”. Instaurou uma consulta pública. Os taxistas legais, que já haviam concordado com a proposta, levaram uma calça arriada.

Ceder à fatia esnobe da sociedade e cair no clichê de desqualificar motoristas de táxi, são fatores que revelam vícios rotineiros de uma classe média colonizada, sempre frágil às novas doutrinações do mercado. Não percebem, quando não se trata de política, que estão se deixando levar por uma campanha monstruosa, apoiada pelas mídias de aluguel, para beneficiar um aplicativo de transporte que lucra 20% sobre todo o trabalho dos seus agregados, não se compromete com direitos trabalhistas, não colabora com a manutenção dos veículos e subtrai a fonte de renda de uma massa de profissionais já estabelecidos para privatizar o que hoje é controlado por licença pública. Além disso, determinam os valores a serem cobrados do usuário, sem nenhum controle ou parâmetro oficial que proteja o passageiro. Não, o aplicativo de caronas não quer oferecer uma opção ou liberdade de escolha, ele quer se impor.

Jornais denunciam as agressões pontuais de taxistas contra os carros e motoristas do aplicativo estrangeiro, mas não fazem alarde sobre a violência e o desrespeito com que o esse mesmo aplicativo trata as cidades que invade. Uma empresa séria apresentaria um projeto aos governos, aguardaria autorização para atuar, não trabalharia à

margem da lei, violentando a ordem tributária e urbana de Estados e Municípios. Taxistas pagam tributos, seguem a legislação e são rotulados como máfia. É o estupro da semântica e de vulnerável.

Semana passada, assistindo a um filme com o Robert De Niro e a Anne Hathaway (Um senhor estagiário), no meio da história um dos personagens faz propaganda do serviço virtual de “caronas remuneradas”. Veja, uma empresa que pode se divulgar dentro de Hollywood, que tem grana para isso, pode tudo. Pode até fazer lavagem cerebral em metrópoles inteiras. Parecem os Borgs, de Star Trek: “resistir é inútil”.

Os táxis de rua nunca foram configurados como um serviço de luxo, funcionam como transporte individual público, que precisa seguir regras de segurança e respeitar as leis e tributárias. São os táxis especiais, também cadastrados, que prestam um serviço mais sofisticado. Exigir luxo dos táxis comuns é de uma trivialidade extrema, bem ao jeito de uma classe média deslumbrada e com valores neoliberais. O táxi comum é um serviço pragmático, que deve atender de forma competente e sem firulas.

O que decepciona é ver cidadãos progressistas, ditos de esquerda, mas que se posicionam de forma neoliberal quando é conveniente prestar satisfação aos membros da classe média desvairada da qual fazem parte. Gente que classifica taxistas como máfia, porcos fedidos, ignorantes, tagarelas e aproveita para fazer piadas com os evangélicos. Não criticam um serviço, manifestam um preconceito de classe.

Não, não são os táxis que constituem a máfia do asfalto. Evite o ridículo, não diga isso. Não se esqueça que as máfias é que costumam não seguir regras, não se submeter ao pagamento de tributos e preferem sempre agir nos subterrâneos da lei. E se você condena as agressões de um ou outro taxista revoltado com a situação que o angustia, você está certo, agressões físicas não se justificam. Mas abra os seus olhos para enxergar o massacre moral que toda a categoria está sofrendo pela a pressão exercida por um capital que deturpa e esculpe os cérebros desavisados.

Existem falhas nos táxis comuns? Falhas podem ser corrigidas quando o serviço é subordinado à fiscalização e às regras em vigor. Os táxis comuns trabalham sob uma legislação rigorosa, que não os beneficia com méritos

quando demonstram qualidade, mas que os pune quando cometem desvios. O aplicativo de “carona paga” não é fiscalizado pelas secretarias municipais de transportes, no Rio de Janeiro possui aval da justiça para circular impune, aval conquistado através de advogados, luxo que a classe dos taxistas não pode se permitir. O afamado aplicativo não está interessado em cumprir exigências que não sejam as que ele próprio cria. Talvez, por isso, tenha escolhido como cor de bandeira o preto. Tom preferido dos piratas, dos vilões e até do Estado Islâmico.

O aplicativo dos carros com serviço de “motorista particular” não quer ser uma opção, ele quer ser a única opção. De preferência, com suas próprias regras. Seguem a cartilha da ganância pelo lucro que enfraquece e extermina a concorrência estabelecida.

SOBRE OS TÁXIS E A CASA GRANDE

A narrativa a seguir é verídica. Início da tarde, eu deixava um restaurante na Tijuca quando vi um rapaz de terno e gravata, debaixo de um escaldante calor vespertino, arrastando enormes bagagens pela calçada até a portaria de um prédio. O sujeito fez umas 3 viagens para concluir a tarefa. No asfalto, com o alerta piscando, havia um Honda Civic preto com um casal embarcado, percebi que aguardavam que o jovem chofer abrisse a porta para que saíssem do veículo. Sim, era uma viatura a serviço do Uber. Pensei rápido, saquei minha identificação de jornalista e abordei o motorista do aplicativo na intenção de fazer algumas perguntas, explicando que gostaria de conhecer melhor a realidade dos colaboradores da empresa de carona remunerada. Simpático, ele disse que não se incomodaria em me responder. Apresentou-se como Ivan.

Coslei - Há quanto tempo você trabalha com o Uber?

Ivan - Tem uns 3 meses.

Coslei - E qual a sua avaliação? Vale a pena?

Ivan - Olha, fico preocupado de estar trabalhando com uma coisa ilegal, nem dá tanto retorno, acho que tiram muito do que ganho, mas vou levando enquanto der, né? (Risos).

Coslei - Você estava desempregado?

Ivan – Não. Sou feirante e uso o tempo vago para ganhar mais um troco.

Coslei – E se sente bem trabalhando de terno e empurrando malas neste calor?

Ivan – Amigo, é complicado quando saio do carro. Mas tem que ser, né? É regra.

Coslei – O carro é seu?

Ivan – Não. Um dos meus clientes na feira me fez a proposta de me alugar o carro para trabalhar no Uber. Pago uma diária pra ele.

Coslei – Pode dizer quanto paga?

Ivan – Melhor não.

Coslei – Você acha justa a forma como o Uber concorre com os táxis?

Ivan – Não sou eu que digo como deve ser.

Coslei – Você conhece bem as ruas da cidade?

Ivan – Vou me virando.

Agradei com a certeza de que seria inútil continuar o papo. Na volta para casa, fui refletindo. É isso que as pessoas imaginam como “qualidade”? É por isso que a mídia e uma alcateia de desavisados lincham os taxistas? Um domingo de temperatura elevada; um motorista carregando malas vestido de terno e gravata, ainda com a obrigação de abrir a porta para os passageiros. É esse tipo de servilismo tosco e usurpador que um usuário espera para condenar os táxis e eleger uma corporação estrangeira avessa à regulamentação? Minha conclusão é que a tecnologia deu rodas, pneus, carroceria, um bom motor e um amuado serviço submisso que atenda às expectativas da Casa Grande.

TÁXIS: A LUTA EM SÃO PAULO

Ocorreu hoje, em São Paulo, a manifestação dos taxistas contra a regulamentação para os aplicativos que pretendem lucrar explorando o serviço de táxi paralelo. A proposta é nebulosa e nasceu de um vereador do PSDB, partido sempre favorável às iniciativas neoliberais e que está atrelado a derrubada da Presidente Dilma. Aprovada em primeira votação, me parece inevitável sua implantação definitiva. Com apoio da mídia corporativa e de setores da sociedade que não primam pela boa informação, o Uber foi a balela que capturou até as nossas supostas mentes brilhantes. Apoiado pelo mesmo grupo de comunicação que patrocina o atual golpe à democracia, o aplicativo já possui quase o dobro de reclamações, em sites de defesa do consumidor, do que os aplicativos que trabalham exclusivamente com táxis legalizados. Não conhecia essa informação? Não se preocupe, ela não é divulgada.

Já li ex-ministro de educação, colunistas da zona sul carioca, leigos jornalistas renomados, palpiteiros de esquerda, magistrados e boa parte da Casa Grande, todos

eles defendendo o aplicativo de carona remunerada com um fervor religioso. Alegam a diferença de qualidade, desconhecem a pior qualidade indicada nas estatísticas que constam disponíveis em portais como o “Reclame Aqui”. Precisei testemunhar referências intelectuais se queixando do tipo de conversa dos taxistas e elogiando o bom papo do motorista Uber (que muitas vezes é um ex-taxista frustrado). A Prefeitura de SP chegou a cogitar a lei da mordaza para os profissionais de táxi. Ou seja, os mesmos que defendem a democracia, o direito a dignidade dos desfavorecidos, humilham e rejeitam um trabalhador que não lhes demonstra o servilismo que esperam. Personalidades que eu admirava, exilei-as da minha leitura diária, não acredito em democratas seletivos, maliciosos na manipulação daqueles que os seguem.

Entendo a democracia como um direito coletivo que se reflete nos direitos individuais. No entanto, os neoliberais e socialistas de fachada, que promovem empresas como o Uber, se esquecem que a livre concorrência deveria ser pautada por igualdade de condições e não por privilégios baseados na falácia do Estado mínimo.

Caso os taxistas não sejam exterminados por corporações com propósitos questionáveis, guardo a certeza que o tempo será o senhor da razão. Enquanto isso, cidades como o Rio, que já se afogam num trânsito caótico, que caminham para uma poluição ainda maior, agora contam com mais um inimigo à qualidade de vida homologado pela justiça: as mentiras da tecnologia.

ECOS DO UNIVERSO PARALELO

No Rio de Janeiro, não é difícil ler matérias que dediquem discursos inflamados contra uma categoria de profissionais: os taxistas. Geralmente, são artigos tramados com ingredientes apimentados, onde fica translúcida a intenção de denegrir uma classe de trabalhadores castigados pela aridez de asfaltos malconservados e que trabalham, em sua maioria, a média de 12 horas diárias. Por que uma jornada tão longa? O taxista vive da produtividade e precisa compensar os longos períodos parados no trânsito de uma cidade que se transformou num imenso canteiro de obras. Como exemplo, cito um ex-colunista de O Globo (no artigo “O universo paralelo dos táxis cariocas”), onde ele afirma que os companheiros taxistas interagem em animadas conversas e em almoços de quatro horas de duração. O colunista se refere a esses trabalhadores como se eles participassem de uma abastada elite corporativa. Em que país vive este jornalista?

“Apesar de muitos motoristas corretos, o serviço é ruim de um modo geral: motoristas que perguntam para onde

vai a pessoa, grosseria, carros horrorosos, direções irresponsáveis, recusas a aceitar passageiros” – assim o autor do artigo descreve a classe dos taxistas, afirma que muitos motoristas são honestos, mas escolhe generalizar pelos piores. Afinal, como dizia um sábio: generalizar as coisas é o meio mais rápido para querer ter a razão. Desconhece o jornalista que grande parte dos taxistas atua em regime cooperativado, onde são fiscalizados por conselhos de ética e punidos quando não se comportam com profissionalismo. Em sua aversão aos táxis, Gilberto fala dos “carros horrorosos”. No entanto, não teve o trabalho de investigar a fantástica burocracia que emperra a conquista da isenção do IPI e ICMS para que o taxista possa comprar um novo carro. Essa burocracia quase obriga os taxistas a se lançarem às mãos de despachantes e pagarem valores extorsivos para verem o processo andar.

O colunista de O Globo insiste na necessidade de maior fiscalização, o que é ponto indiscutível. Quando o sr. colunista reclama da bandidagem nas portas de aeroportos e rodoviárias, ele brada, certamente, contra táxis piratas, sem documentação que os autorize a exercerem o ofício, transitando nas sombras da lei. Tudo isso passa longe da realidade dos profissionais licenciados,

que pagam taxas para renovar a concessão e descontam impostos para exercer a sua atividade.

“Capitanias hereditárias”

O colunista se mostra intrigado com o sumiço dos táxis em dias de temporal. Será que não ocorre à inteligência dedutiva do missivista que os dias de chuva aumentam a demanda pelo serviço? E se faltam táxis em dias de tempestade como explicar a frota superabundante que alardeiam? Além disso, esquece o eminente jornalista que vivemos numa cidade que padece de enchentes e tumultos diante do mais tímido aguaceiro?

O combativo jornalista se mostra um defensor da licitação para concessões de autonomia e delega à miséria um substancial universo de motoristas auxiliares que dependem das transferências para sustentar as famílias e que, muitas vezes, se revezam em turnos com os titulares. O jornalista não comenta que nem todo o transporte licitado do Rio é sinônimo de sucesso e que a prática da licitação, no caso dos táxis, só iria beneficiar as grandes empresas e nunca o trabalhador que sonha com a independência do próprio negócio. Segundo o jornal Tribuna da Imprensa, o sócio de uma das maiores

empresas de táxi do Rio é da família de um ex-alcaide do município.

O ex-colunista mostra absoluto repúdio pelo que chama de “capitanias hereditárias”, ou seja, o direito que há sobre o repasse das permissões de táxi para auxiliares e viúvas (no caso de falecimento do titular) autorizadas pela SMTR. Seria de extremo valor se o sr. jornalista questionasse no mesmo tom as “capitanias hereditárias” vigentes nas concessões de rádio e televisão, que incluem as Organizações Globo, empresa para qual ele colaborou.

Questão de escolha

Por fim, o bravo colunista protesta contra a permissão da bandeira 2 concedida pela prefeitura aos taxistas durante eventos como foi a Jornada Mundial da Juventude. Ao mesmo tempo em que se mostra insatisfeito com o desempenho dos táxis, não considera que o taxista é uma das portas de entrada para um evento que atrairá um movimento turístico pela nossa cidade. Por desconsiderar os taxistas, não compreende que a bandeira 2 venha a ser um incentivo para que os motoristas profissionais prolonguem as 12 horas que trabalham diariamente. Quem sabe a bandeira 2 foi oferecida para

compensar o taxista durante um período em que o movimento na cidade será mais intenso? O Rio de Janeiro consta como um dos quilômetros rodados mais baratos do Brasil, o que deve fazer do taxista carioca o profissional com a pior remuneração do país. Mas isso o hábil jornalista deve desconhecer, faltou pesquisa.

Numa oportunidade para debater com o colunista, através do Facebook, tentei fazê-lo compreender as dificuldades que a classe profissional dos taxistas vivencia na rotina diária e ele me respondeu que, sabendo das dificuldades, o taxista deveria procurar outro trabalho. Como assim? Jornalistas enfrentam imensas dificuldades para exercer o ofício, são agredidos e até assassinados. O mesmo ocorre com os taxistas. O que há de comum entre as duas profissões? Nem sempre é uma questão de escolha, caro colunista, pois também existe o amor pelo que se faz.

POR QUE O TÁXI É LEGAL?

(Publicado em coluna do jornal O Dia)

Venho acompanhando algumas matérias, sempre no tom da injusta generalização, contra os taxistas do Rio. Há muitos anos mantenho contato direto com esses profissionais, conheço de perto as dificuldades e a ingratidão do volante. O que mais causa perplexidade é observar setores da mídia enaltecendo um serviço irregular como o Uber e se referindo aos taxistas legalizados como se fossem personagens à margem da lei.

Não é de hoje que existe uma campanha, com objetivos misteriosos, que lança a opinião pública contra os taxistas. Agora se apoiam no Uber, um serviço pirata, para recarregar as baterias contra os amarelinhos. Generalizam as críticas e desqualificam os motoristas de táxi para em seguida exaltar o Uber. O taxista regularizado é obrigado a retirar em cartório quatro certidões de nada-consta criminal (que não são gratuitas), paga todo ano média de quatro taxas de vistoria e imposto de renda, contrata seguro que cubra danos a terceiros, realiza exames

psicotécnicos e psicológicos a cada cinco anos e deve trocar de carro a cada seis.

A luta contra o Uber deve seguir pelas vias judiciais, mas o estarrecedor não é a condenação genérica aos táxis legalizados, mas o apoio da mídia à pirataria do Uber. Desculpem-me pelo pensamento antiquado, mas considero desrespeito enxovalhar toda uma categoria que trabalha de sol a sol, enfrentando os perigos e a dureza do asfalto, apenas para exercitar a feroz intenção de destacar uma empresa que pratica oportunismo e irregularidade.

Agora, me diga, onde podemos ver estatísticas e documentos formais que sustentem tantas críticas aos taxistas? Onde podemos comprovar que o Uber presta melhor atendimento? Por que alguns jornalistas descrevem os taxistas como profissionais capengas e elevam o Uber a um serviço perfeito? Quantos testes foram feitos em cada uma das modalidades? Algo básico no bom jornalismo é ser imparcial para ser justo, é se utilizar de dados concretos e não de fofocas de comadres. Exaltar o Uber em detrimento dos taxistas legais é o mesmo que aconselharmos o público a comprar de contrabandistas, “mais barato do que ir a uma loja credenciada”.



O EFEITO ZOLA

Ao tomar o partido dos taxistas na luta contra a apropriação ilegal de um serviço público por uma empresa que prega a desregulamentação do setor com as mesmas falácias neoliberais do Estado mínimo, percebi que a minha voz estava solitária, pouquíssimos cidadãos se solidarizaram com o meu engajamento. Por sorte, foram os mais inteligentes que se colocaram ao meu lado. Os aplicativos, que exploram o serviço e o ofício de terceiros, querem impor uma ideia que prostitui as relações trabalhistas, corrompe a ordem tributária, além de desorganizar e desumanizar ainda mais a qualidade de vida nas cidades. Alguns justificam, sem refletir, que isso é o futuro inevitável. Estão enganados, a origem tecnológica dos aplicativos não significa prosperidade, cada vez mais assemelham-se a presságios de empobrecimento e degradação das relações humanas.

A questão dos taxistas me soou como um alerta, não um sinal discreto, mas uma sirene espalhafatosa disfarçada pelo mantra da livre iniciativa. Nem é livre nem é iniciativa, é a pior espécie de lucro, é a vinculação do

trabalho à filosofia servil, explorado por uma corporação estrangeira que subverte todos os direitos que ainda queremos preservar. Os taxistas são as primeiras cobaias de um experimento que despreza o trabalhador e eles reagiram como reagirão todas as cobaias submetidas a um tratamento impiedoso: gritaram, se contorceram pela angústia e foram agressivos quando sentiram a dor das feridas.

Assim como alguns grupos políticos, os táxis também foram vítimas de uma campanha midiática destrutiva; de um lobby agressivo comprado em dólar; da ânsia de um entreguismo provinciano; de uma promoção incansável de episódios negativos, preconceituosos e humilhantes. Não havia contraponto, só a omissão ou o coro insano que exalava um fétido ódio de classe. Fiz o papel de uma formiga que marcha na contramão da colônia, desafinando as vozes que pareciam hipnoticamente uníssonas. Na minha caixa de mensagens chegavam recados de pessoas avessas ao pensamento crítico, me transmitindo links e argumentos hostis que ofendiam a necessidade de criar um discurso que preservasse profissionais honestos da difamação e do massacre das acusações genéricas. Não agi

por um corporativismo que não me cabia ou por um sentimentalismo às avessas, me guiei pela consciência.

Há poucos dias, acometido por uma insônia indesejável, assisti a um filme biográfico sobre o escritor Émile Zola, que no final da vida, opondo-se ao ódio generalizado de uma sociedade xenófoba, também foi a voz isolada que consolou o judeu Alfred Dreyfus, um oficial francês acusado de traição. Dreyfus era inocente e a voz solitária de Zola ecoa até hoje nos livros de história como um brado corajoso da verdadeira justiça.

TOCHA OLÍMPICA

Aqui no Rio, é preocupante observar a quantidade crescente de carros particulares prestando serviço para o aplicativo Uber. Não preocupa o serviço, mas o seu avanço sem controle, sem fiscalização adequada, sem vistorias compatíveis, mas com as bênçãos da Justiça. Não são mais somente os carros pretos de luxo; qualquer veículo fabricado a partir de 2008, de qualquer cor, pode atravancar o asfalto e carregar passageiros. Seguem o mesmo caminho das vans, que em determinado ponto tiveram que ser proibidas, quando já causavam acidentes, atolavam as ruas, davam notícias sobre estupros e mortes no trânsito. Na surda omissão da Prefeitura, que não consegue caçar a decisão judicial e nem se mexe para regulamentar a nova modalidade de transporte, a cidade ganha mais um ingrediente entre os tantos que fazem do Rio uma sucursal do inferno. Nossa qualidade de vida despenca ao som dos clássicos da violência, do aroma fétido da poluição e das horas pérfidas perdidas ao volante. Os mesmos cidadãos que praguejam contra tudo são os que aderem aos modismos de ocasião; quando não batem panelas, estão andando de carros pretos para saber se o

motorista irá abrir a porta. A mesma Justiça que protege o monopólio das pipocas nos cinemas é a que fomenta o caos justificado pela “livre iniciativa”. A mesma Prefeitura que abre vias, derruba a perimetral e perfura mergulhões, é a que se omite na regulamentação de um serviço que continua atuando nos moldes da pirataria. A tocha olímpica cairia melhor nas mãos de Nero, que a usaria, não para acender a pira, mas para terminar de incendiar o nosso purgatório.

TÁXI VAZIO

A solidão é um táxi vazio
que cruza a noite do Centro
sem a motivação do rumo.





Sobre o autor:

Alexandre Coslei é escritor carioca, jornalista e agrega formação em Letras. Como escritor, não se omite de dedicar as palavras às melhores causas sociais. É autor do livro “Os paralelepípedos da Vila Mimosa”, que foi selecionado para participar do prêmio Portugal Telecom em 2010, além de ser um dos vencedores do Concurso de Contos de São João Marcos promovido em 2013 pela Secretária de Cultura do Estado do RJ, Secretaria de Educação de Rio Claro e o Instituto Cidade Viva.